

FUNDAMENTAÇÃO DAS PRIORIDADES DA ARQUIDIOCESE DE FORTALEZA

Pe. Almir Magalhães

Diante da complexidade da sociedade e dos desafios que se impõem à ação evangelizadora da Igreja, as prioridades são um referencial indispensável para termos objetividade de ação, agindo a partir de determinadas demandas e focando nossas energias nelas, ao invés de muitas atividades dispersas. Na Assembléia de outubro de 2007, foram definidas as seguintes prioridades:

- 1. Formação;**
- 2. Missão;**
- 3. Família e Juventude.**

1. FORMAÇÃO

Partindo do princípio de subsidiariedade, pelo qual deve ser dada a cada pessoa, à pequena comunidade, à Paróquia e Área Pastoral, maior autonomia possível, em tudo o que cada uma delas é capaz de fazer (Doc. 45 da CNBB, p.113), a formação deve se dar nos diversos níveis de organização eclesial, sobretudo sendo a Paróquia e a Área Pastoral os lugares de maior responsabilidade sobre seus agentes de pastoral (cf. Catequese Renovada, nº. 148; DA, 174, 306 e 307).

- Tenha a formação como critério fundamental o despertar do espírito crítico dos fiéis, para se evitar manipulações tão comuns, sobretudo através dos meios de comunicação de massa (DGAE, 2003-2006, doc. 71 da CNBB, 85g).
- Sejam contemplados os aspectos do processo de formação que são mencionados no DA, nº. 278: O Encontro com Jesus Cristo, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão.
- Evidenciem-se na formação as diversas dimensões que deverão integrar-se harmonicamente ao longo do processo formativo: (DA, 278).
 1. A dimensão humana e comunitária – o objetivo é tornar o fiel capaz de viver como cristão em um mundo plural;
 2. A dimensão espiritual – que funda o ser cristão na experiência de Deus manifestado em Jesus e que o conduz pelo Espírito através dos caminhos de profundo amadurecimento;
 3. A dimensão intelectual – que se consegue numa reflexão séria, posta diariamente em dia através do estudo, que com a luz da fé, abre a inteligência para a verdade, capacitando para o discernimento, o juízo crítico e o diálogo sobre a realidade e a cultura.
 4. A dimensão pastoral e missionária – que projeta para a missão de formar discípulos missionários para o serviço ao mundo.
- A formação dos leigos e leigas, uma exigência fundamental para qualificá-los, contribua, antes de mais nada, para a sua atuação como discípulos missionários no mundo, na perspectiva do diálogo e da transformação da sociedade. (DA, 283).
- Dê-se continuidade à formação política nos diversos níveis de organização eclesial, pois há um desencanto pela política e pela democracia, o que leva a muitos cidadãos a abdicarem de seu dever de participar da vida pública (cf. DA, 77 e 79).
- Seja dada aos futuros presbíteros e agentes de pastoral uma formação pastoral capaz de responder aos novos desafios da cultura urbana (DA 518).

- Finalmente, contemple a formação a compreensão de uma Igreja em constante processo de renovação missionária (DA, 365), através da setorização da Paróquia ou Área Pastoral, subdividida em rede de comunidades (DA, 172, 513, 517e e 518c), para que possa estar a serviço da vida plena de todos (DA, 358-364).

2. MISSÃO

2.1 Núcleo da ação pastoral e evangelizadora.

A Missão deve ser o núcleo da ação pastoral e evangelizadora da Igreja de Fortaleza, ou seja, tudo deverá estar direcionado para a missão. A missão da Igreja é evangelizar.

A origem da missão dos discípulos missionários, cuja fonte é o batismo, se encontra nas relações intra-trinitárias do amor divino. A evangelização é um chamado à participação da comunhão trinitária (DA, 157; DP, 218), e o impulso missionário é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos (DA, 347; AG, 2). Na base de tudo está uma espiritualidade trinitária do encontro com Jesus Cristo. Também, o mistério da Trindade é a fonte, o modelo e a meta do mistério da Igreja (DA, 155), porque “a Igreja é o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG, 4). Isso nos conduz à afirmação de que a Igreja é “ícone da Trindade” ou seja, a Trindade é fonte da missão da Igreja, é modelo na forma como a mesma deve se configurar e meta para a vida em comunhão no interior da Igreja. Além disso, aponta para um modelo de sociedade inclusiva, onde não haja, evidentemente, exclusão, já que Ela é comunhão na diversidade.

Constatamos, na síntese do VER, que predomina uma configuração de Igreja voltada sobre si mesma, com tímidos sinais de sua relação com o mundo como mostrou o Concílio Vaticano II. Também foram constatados, neste mesmo modelo, evidentes sinais de uma pastoral de manutenção. “Isto significa, na prática, que nossas estruturas devem superar o esquema pastoral predominante, que dedica o melhor de seus esforços para responder à demanda religiosa daqueles católicos que têm uma participação ativa na vida eclesial” (RNM, doc. 56 da CNBB, nº. 64). Devemos tomar consciência de que, “se a Igreja se volta para si mesma, é para tomar consciência de sua missão de servidora do mundo” (RNM, nº. 65). Neste sentido, missão aqui significa evangelização e deve ter estas características:

- Uma Igreja em estado permanente de missão, devendo esta se tornar uma tarefa prioritária de toda a Arquidiocese de Fortaleza, não como algo opcional, mas como parte integrante da identidade cristã (DA, 11, 144, AG, 2).
- A missão nasce de uma **experiência pessoal**, provocada pelo kerigma (DA, 289), que tem como resposta a **conversão**, que amadurece no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre, constituindo-se num **discipulado**, que se expressa na vida cristã como **comunhão**, e o discípulo, à medida que conhece e ama o Senhor, experimenta a necessidade de compartilhar com outros a sua alegria de ser enviado. A missão é inseparável do discipulado (DA, 278).
- A missão deve estar a serviço da vida plena (Jo, 10,10; DA, 353 e 355).
- A missão também precisa se voltar para outros areópagos, porque na sociedade existem setores que precisam da presença da Igreja, seja nos centros de decisão, seja na vida pública (DA, 391, 398, 491,493 e 497, 501, 504).
- Ressalte-se o valor do testemunho de vida dos cristãos como força missionária (DA, 55).

A Eucaristia nos propõe a exigência de uma evangelização integral (DA, 176) e ao mesmo tempo Ela é princípio e projeto de missão. O encontro com Cristo, continuamente aprofundado na intimidade eucarística, suscita na Igreja e em cada cristão a urgência de testemunhar e evangelizar. (MND, 4º Capítulo).

Finalmente, a dimensão profética: como “Cristo consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho a fim de comunicar aos homens os frutos da salvação” (LG, 8), levantando a voz em relação a questões de valores e princípios do Reino de Deus, ainda que contradiga a todas as opiniões, provoque ataques e só fique no anúncio” (DA,518i).

2.2 Os caminhos, as mediações para se configurar uma Igreja em estado permanente de Missão.

Se a Igreja quer plenificar sua vocação e se configurar como Igreja missionária, deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e de qualquer instituição da Igreja, desinstalando-se (DA, 362 e 365). A isto o documento de referência chama de CONVERSÃO PASTORAL, idéia que já aparecia na Encíclica *Redemptoris Missio*, nº. 49, aí conhecida como conversão radical de mentalidade para nos tornarmos missionários. O Papa João Paulo II afirma que é à luz deste imperativo missionário que se deverá medir a validade dos organismos, movimentos, paróquias e obras do apostolado da Igreja.

Isso vai incidir fortemente na estrutura básica que é a Paróquia ou a Área Pastoral, na medida em que o DA aponta para reformas estruturais (DA, 172, 173). Outra mediação é a recomendação de que as Paróquias se transformem cada vez mais em comunidade de comunidades (DA, 309 517e), descentralizando-se em setores (DA, 518c), adequando-se ao mundo que vivemos, entretanto com algum instrumento que possa articular e dar o sentido eclesial.

É preciso usar a criatividade pastoral, mediante reflexões e programas estabelecidos nas instâncias de comunhão e participação, criando estratégias para atingir lugares fechados das cidades (DA, 518h) e, inclusive, mecanismos necessários para as mudanças.

Na nossa Arquidiocese temos expressões da natureza que encantam: rios, lagos, o litoral, as serras... Infelizmente, entretanto, **assistimos** à sua degradação, de forma passiva, via de regra pela ação predatória em torno do mercado imobiliário, da especulação imobiliária. Requer-se a criação de mecanismos e estruturas em todos os níveis que protejam o meio ambiente. Neste sentido vale a pena “aprofundar a presença pastoral nas populações mais frágeis e ameaçadas pelo desenvolvimento predatório” (DA, 474b). Tudo isto não tira a importância de uma renovada pastoral rural que favoreça os habitantes do campo, para que enriqueçam suas próprias culturas e as relações comunitárias e sociais (DA, 519).

Retomem-se a opção preferencial pelos pobres reafirmada em Aparecida (391-398) e as Comunidades Eclesiais de Base, porque as mesmas “permitiram ao povo chegar a um conhecimento maior da Palavra de Deus, ao compromisso social em nome do Evangelho e, sobretudo, porque “demonstram seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e afastados, e são expressão visível da opção preferencial pelos pobres” (DA, 178 e 179).

3. FAMÍLIA e JUVENTUDE

3.1 Família

No que diz respeito à família, embora a Igreja continue trabalhando com a perspectiva da família ideal, hoje dificilmente encontrada, em função dos impactos que ela sofre pelas transformações da sociedade e pela onda de permissividade, temos que assumir na evangelização uma postura de diálogo e de acolhimento não condenando, aqueles que acabam sendo mais atingidos, no caso também pela Igreja, que são os pobres.

O Papa Bento XVI afirma que a família, “patrimônio da humanidade, constitui um dos tesouros mais importantes dos povos latino-americanos e caribenhos e que ela é insubstituível para a serenidade pessoal e para a educação de seus filhos” (Discurso Inaugural do Papa Bento XVI na V Conferência em Aparecida, DA, 114). “Os pais devem tomar nova consciência de sua alegre responsabilidade na formação integral dos filhos” (DA, 118). Deus ama nossas famílias, apesar de tantas feridas e divisões (DA, 119). Alenta nossa esperança a multidão de nossas crianças, os ideais de nossos jovens e o heroísmo de muitas de nossas famílias que, apesar das crescentes dificuldades, seguem sendo fiéis ao amor (DA, 127).

Dentro do território paroquial, a família cristã é a primeira e mais básica comunidade eclesial. Nela se vivem e se transmitem os valores fundamentais da vida cristã. Ela se chama “Igreja doméstica”. Aí os pais desempenham o papel de primeiros transmissores da fé a seus filhos, ensinando-lhes através do exemplo e da palavra a serem verdadeiros discípulos missionários (LG, 11/ DA, 204).

A família é também um lugar de formação para discípulos missionários. Entretanto para que a família seja “escola de fé” e possa ajudar os pais a serem os primeiros catequistas de seus filhos, a pastoral familiar deverá oferecer espaços de formação, material catequético, momentos celebrativos, que lhes permitam cumprir sua missão educativa. A família, pequena Igreja, deve ser, junto com a Paróquia, o primeiro lugar para a iniciação cristã das crianças (DA, 302).

A pastoral vocacional, que é responsabilidade de todo o povo de Deus, começa na família e continua na comunidade cristã, deve dirigir-se às crianças e especialmente aos jovens para ajudá-los a descobrir o sentido da vida e o projeto que Deus tem para cada um, acompanhando-os em seu processo de discernimento (DA, 314).

Em nossos países, parte importante da população está afetada por difíceis condições de vida que ameaçam diretamente a instituição familiar. Em nossa condição de discípulos e missionários de Jesus Cristo, somos chamados a trabalhar para que tal situação seja transformada e a família assuma seu ser e sua missão no âmbito da sociedade e da Igreja (DA, 432). Em toda diocese se requer uma pastoral familiar intensa e vigorosa para proclamar o evangelho da família, promover a cultura da vida e trabalhar para que os direitos da família sejam reconhecidos e respeitados (DA, 435).

O documento de referência, em seu número 437, elenca 14 ações para apoiar a família. Destacamos:

- estimular e promover a educação integral dos membros da família, especialmente daqueles membros que estão em situações difíceis, incluindo a dimensão do amor e da sexualidade (letra e);
- acompanhar com cuidado, prudência e amor compassivo, seguindo as orientações do Magistério, os casais que vivem em situação irregular (letra j).

Diante das petições de nulidade matrimonial, há de se procurar que os Tribunais Eclesiásticos sejam acessíveis e tenham atuação correta e rápida. (letra k).

3.2 Juventude

A juventude é a fase do ciclo da vida em que se concentram os maiores problemas e desafios, mas é também a fase de maior energia, criatividade, generosidade e potencial para o engajamento. (Doc. 85 da CNBB, EJ, 26).

O impacto da pobreza, em uma sociedade que sacraliza o consumo, relativiza os valores, atinge a família, o primeiro lugar de socialização do jovem (EJ, 33).

Para além do discurso corrente de que os jovens de hoje não participam, são desinteressados e alienados, alguns estudos recentes têm demonstrado que os jovens desejam participar ativamente da vida social, têm muitas sugestões do que deve ser feito para melhorar a situação do país e querem dar sua contribuição. Entretanto, não encontram espaços adequados. (EJ, 39).

A busca juvenil de “modelos” e “referências” é uma porta que se abre para o processo de evangelização. Aqui está a grande oportunidade de apresentar Jesus Cristo (EJ, 53).

O desafio para o jovem – assim como para todos que aceitam Jesus como caminho – é escutar a voz de Cristo em meio a tantas outras vozes. A ação evangelizadora deve ajudá-lo a ter contato pessoal com Jesus Cristo nos Evangelhos, por meio de sua mensagem, suas atitudes, sua maneira de tratar as pessoas, sua coragem profética, e a coerência entre o seu discurso e sua vida (EJ, 60).

A sensibilidade especial dos jovens para as situações de pobreza e desigualdade social abre um caminho espiritual e de formação de consciência. (EJ, 56).

Quando evangelizados – com testemunho e metodologia – os jovens se empolgam com a pessoa e o projeto de Jesus Cristo. Por que, contudo, face a Igreja muitos mostram resistência? Muitos jovens têm dificuldade para entender que eles são Igreja, ou não se sentem acolhidos na comunidade. Constatamos que a imagem que muitos deles têm da Igreja é a de algo ultrapassado, burocrático, e que fala uma linguagem que não se conecta com sua vida. (EJ, 67).

A ação evangelizadora deve também motivar o envolvimento com as grandes questões que dizem respeito a toda a sociedade, como a economia, a política e a todos os desafios sociais de nosso tempo. Há a necessidade de animar e capacitar o jovem para o exercício da cidadania, como uma dimensão importante do discipulado. A dimensão política e social da fé, contudo, deve ser apresentada aos jovens de maneira que não se reduza apenas a uma ideologia. (EJ, 83).

Merece especial atenção a etapa da adolescência. Os adolescentes não são crianças nem são jovens. Estão na idade da procura de sua própria identidade, de independência frente aos pais, de descoberta do grupo. Nesta idade, facilmente podem ser vítimas de falsos líderes. É necessário estimular a pastoral dos adolescentes que, com suas próprias características, garanta sua perseverança e crescimento na fé (DA, 442).

Constatamos com preocupação que inumeráveis jovens do nosso continente passam por situações que os afetam significativamente: as seqüelas da pobreza, que limitam o crescimento harmônico de suas vidas e geram exclusão; a socialização, cuja transmissão de valores já não acontece primariamente nas instituições tradicionais, mas em novos ambientes não isentos de forte carga de alienação; sua permeabilidade às formas novas de expressões culturais, produtos da globalização, que afetam sua própria identidade pessoal e social. As crises, pelas quais passa a família hoje em dia, produz neles profundas carências afetivas e conflitos emocionais (DA, 444).

São muito afetados por uma educação de baixa qualidade, que os deixa abaixo dos níveis necessários de competitividade, somando-se aos enfoques

antropológicos reducionistas, que limitam seus horizontes de vida e dificultam a tomada de decisões duradouras. (DA,445).

O documento propõe ainda:

- Renovar, em estreita união com a família, a opção preferencial pelos jovens (DA, 446a);
- Estimular os movimentos eclesiais que têm pedagogia orientada à orientação dos jovens e convidá-los a colocar mais generosamente suas riquezas carismáticas, educativas e missionárias a serviço das Igrejas locais (DA, 446b);
- Nas metodologias pastorais, procurar maior sintonia entre o mundo adulto e o mundo juvenil (DA, 446g).

Pe. Almir Magalhães